ANDIRÁ e *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*: a influência do meio sobre o indivíduo[1]

Camila da Silva de Lima[2]
Edimildo de Jesus Barroso Passos[3]

Resumo: O presente artigo traz à luz o resultado de uma pesquisa bibliográfica que tem início a partir de uma discussão sob a ótica científico-literária a respeito da influência que o meio exerce sobre o indivíduo. Toda essa abordagem culmina com uma análise literária das obras *Grande sertão: veredas*, do escritor mineiro João de Guimarães Rosa, e *Andirá*, do amazonense Paulo Jacob, cuja finalidade é demonstrar na ficção, a partir dessas obras, a temática proposta embasando por uma abordagem científica. Assim, a utilização da literatura como ferramenta humanizadora, nos permite fazer uma leitura dessa questão por meio das respectivas narrativas. Afinal, essas representam a cultura de duas regiões distintas, o sertão e a Amazônia brasileiros. Para compreendermos melhor a influência do meio sobre o indivíduo, que se faz presente nas obras supracitadas, entendemos ser necessário propor uma discussão a respeito da contribuição do meio para a construção da identidade do ser humano. Desse modo, realizamos, então, um apanhado sobre o assunto, consultando teóricos que apontam essa inter-relação indivíduo-meio/meio-indivíduo. Essa simbiose é representada, pelas atitudes das personagens que, em determinados momentos da narrativa, agem segundo determinações próprias daqueles ambientes. Em consonância com esse raciocínio, trabalharemos o conceito de "meio" relacionado à influência deste sobre a formação cabal do indivíduo. Assim, para sustentar essa discussão, optou-se pelos teóricos, Campos (2008), Coimbra (2002), Cória-Sabini (2007), Davidoff (2001), Jacob (2003), Papalia (2000), Rosa (1976), Telles (2010) e entre outros autores que versam sobre a temática em questão.

Palavras-chave: Indivíduo; meio; influência.

Abstract: This article brings to light the result of a bibliographical research that starts from a discussion from the scientific-literary perspective, regarding the influence of the environment about the individual. All this approach culminates with a literary analysis of the works *Grande sertão: veredas*, by Minas Gerais writer João de Guimarães Rosa, and *Andirá*, by the Amazonian Paul Jacob, whose purpose is to demonstrate in fiction, based on these works, the proposed theme based on an approach scientific basis. Thus, the use of literature as a humanizing tool allows us to read this question through the respective narratives. After all, these represent the culture of two distinct regions, the Brazilian backcountry and Amazon. In order to better understand the influence of the environment on the individual, which is present in the works mentioned above, we believe it necessary to propose a discussion about the contribution of the environment to the construction of the identity of the human being. In this way, we then take a look at the subject, consulting theorists who point out this interrelationship between individual and individual / middle-individual. This symbiosis is represented by the attitudes of the characters who, at certain moments of the narrative, act according to their own determinations. In line with this reasoning, we will work on the concept of "environment" related to its influence on the individual's complete formation. In order to support this discussion, it was decided by the theorists, Campos (2008), Coimbra (2002), Cória-Sabini (2007), Davidoff (2001), Jacob (2003), Papalia Telles (2010) and among other authors that deal on the theme in subject.

Keywords: Individual; environment; influence.

---

[1] Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/Humaitá – AM.
[2]Acadêmica finalista.
[3] Orientador: Profº. Sc. M. Edimildo de Jesus Barroso Passos – UFAM/IEAA/Humaitá

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo ressaltar que o meio interfere diretamente no desenvolvimento do indivíduo. Tal interferência ambiental pode fazer com que o indivíduo desenvolva, ou não, uma personalidade mais desumana do que desenvolveria em outras condições ambientais. Para uma comprovação dessa influência realizamos uma pesquisa bibliográfica com base, principalmente, nas obras "Grande sertão: veredas", do mineiro Guimarães Rosa e "Andirá", do amazonense Paulo Jacob.

Alguns escritores brasileiros surgiram para agregar positivamente a Literatura no Brasil com suas poesias, romances, crônicas, contos etc. Estes buscaram enfatizar e, assim, engradecer a cultura de suas regiões nas quais se inspiraram para produzir suas obras. Dentre estes, Guimarães Rosa e Paulo Jacob foram fenômenos que não se pouparam em exaltar a força que tem o sertão e a Amazônia. Com isso, não deixaram de expor em suas obras o regionalismo desses lugares, levando em consideração a importância que isso pode proporcionar para o conhecimento do leitor.

Buscamos, aqui, apresentar como o meio pode interferir na personalidade do ser humano, ressaltando como e porque acontece essa interferência. Apesar de nascer com características próprias, nosso hábitat pode transformar nossa personalidade em decorrência de nossas necessidades, pois, buscamos no ambiente, meios para continuarmos vivos, inclusive nos defendendo quando somos ameaçados. Logo, o homem é influenciado de acordo com as condições que lhes são impostas.

Neste trabalho, apresentamos esses ambientes distintos, o sertão e a Amazônia brasileiros, para enfatizar que o indivíduo sofre influências diretas do meio em que está inserido. Essa força do meio chega a ser tão intensa que o indivíduo, muitas vezes, acaba adquirindo características próprias do respectivo ambiente. Todo este estudo, portanto, destaca que essa força natural influencia a cultura, a linguagem e, até, as atitudes do próprio indivíduo.

Numa perspectiva literária, tomamos como *corpus* deste estudo, as referidas narrativas de Guimarães Rosa e de Paulo Jacob. Selecionamos essas obras por entendermos que ambos os escritores possuem visão bastante apurada quanto à simbiose entre meio e indivíduo. A Amazônia, com todo o seu esplendor de vidas torna-se uma riqueza de narrativas para Paulo Jacob, da mesma forma que o sertão, com toda sua escassez de vida é para Guimarães Rosa.

Estes são escritores que devido ao fato de possuírem características bem distintas quanto à linguagem empregada nos textos, conseguem com muita realidade dar vida a personagens

marcantes. Nessas obras, essa forma de construção literária dos personagens, que apesar de pertencerem a "realidades" extremamente diferenciadas, nos permitem analisar essas modificações sofridas pelo homem em decorrência do meio e das condições que lhes são, por esses, impostas. Importante ressaltar que essa conexão estabelecida entre meio e indivíduo gera um conjunto de fatores que pode levar o homem a comportamentos inadmissíveis para um bom convívio social.

Podemos citar como exemplos desses fatores comportamentais, a maldade, a fome, o egoísmo, a destruição e até mesmo intrigas entre indivíduos do mesmo convívio. Tudo isso pode ser observado nas referidas narrativas onde essas desavenças acontecem em menor ou maior grau de intensidade.

Na obra de Guimarães Rosa, por exemplo, podemos perceber desavenças entre o casal de protagonistas que comprova essa aspereza de personalidade embrutecida pelo meio em que vivem. Isso acontece em vários momentos da narrativa, muitas vezes causados por ciúme de ambas as partes e para o qual Riobaldo, devido aos valores que aprendera, não encontrava explicação.

> – "Ah, não! Ah, você acha que eu careço de suas rezas, orações, por minha ajuda, Diadorim?''
> – " Acho, de manhã à noite, Riobaldo... Demais. Nem sei mesmo se alguém te botou o malefício... Tua mãe, mesma, que estivesse viva, achava..."
> Mor, mor, aí, recebi surto de meu sangue, forte, no corpo de cara e na beira das orelhas, e logo doeu no meu beiço o que eu estava me mordendo, assim para não insultar Diadorim com nomes que fossem da maior ofensa. Com um tapa na rédea, eu tirei de perto dele a cara de meu cavalo.
> – "Acha tua vida, rapaz! Careço é de menos amizades..." (ROSA, 1976, p. 365).

Já em "Andirá", um seringueiro, por servir diretamente ao patrão, o Coronel, Alírio Feitosa, é capaz de maltratar e até tirar a vida de outros seringueiros. Os motivos que levam o Coronel a ordenar essas maldades são vários e, muitas vezes, até banais. Aqui podemos perceber os referidos fatores comportamentais, devido, principalmente, à realidade do meio em que vivem os sujeitos da cena, em sua forma mais extrema:

> – Tire meu saldo. Saio hoje mesmo.
> – Tanta pressa...
> [...]
> – Já comunicou ao patrão?
> – Não carece, tem tempo, na hora da saída.
> [...]
> – Fique por aí, que vou dá ciência ao Coronel.

> [...] O gerente foi atrás do barracão. Cochichou com Francisco Ceará. O cabra sorriu.
> – Tá cumigo o trabáio.
> [...] Sentia-se seguro. Não notava que era espreitado por Francisco Ceará. O cabra olhava de longe.
> [...] Olhou para um lado e para o outro. Não viu ninguém. Entrou no mato. Acocorou-se num pau. Logo agora esta dor de barriga, não faltava mais nada.
> Ouviu-se um estampido. Fez-se silêncio. Ninguém se apercebeu. Tiro era comum no Andirá.
> Francisco Ceará internou-se no mato. O rifle fumegava. Jerônimo Paca levantou a cabeça. Quis falar. O cabra calou-o com algumas coronhadas da arma (JACOB, 2003, p. 211 – 213).

Nas obras analisadas, essa influência do meio sobre o indivíduo é representada pelos personagens das narrativas estudadas. A obra Andirá apresenta a dramática oposição entre seringueiros e coronéis, conflitos que geram no leitor dois tipos de sentimentos: um de encantamento, por descobrir ou constatar como era a vida nos seringais no meio da Amazônia, com toda a sua exuberância, outro de revolta pelas injustiças sofridas pelos que viviam sob o jugo dos coronéis.

Já em Grande sertão: veredas, o que presenciamos são os conflitos, principalmente entre bandos formados por jagunços, que campeavam os sertões a serviço de fazendeiros ou em busca de justiça social. O clímax da narrativa é a batalha entre dois desses bandos, um chefiado por Riobaldo, o outro por Hermógenes. O motivo é a vingança. Além desses conflitos, esta obra de Guimarães Rosa retrata uma das mais dramáticas histórias passionais de nossa literatura: o amor entre Riobaldo e Diadorim. Esse sentimento é impedido por um conflito psicológico causado por uma questão de gênero e dificultado, ainda mais, pela dura vida nos sertões do Brasil, que é o meio do qual nosso herói recebe toda a influência.

2 Considerações sobre a relação entre Guimarães Rosa e a literatura brasileira

Guimarães Rosa é um dos escritores mais influentes da nossa literatura, principalmente, devido a suas técnicas linguísticas e sua criatividade para escrever. O escritor nasceu em 1908 em Cordisburgo, pequena cidade do interior de Minas Gerais, e faleceu em 1967.

Em 1929, com apenas vinte e um anos de idade surge como escritor publicando alguns contos com os quais vence um concurso e ganha um prêmio em dinheiro por isso. Em 1936, com outro livro de contos, “Magma”, o escritor é premiado novamente, agora pela Academia brasileira de Letras. Seu livro intitulado “Contos” lhe rendera o prêmio Humberto de Campos,

entre outros. Mais tarde, esse livro viria a se chamar “Sagarana” o qual lhe renderia outros prêmios literários, segundo Vilarinho (2018). Essa obra reúne contos sobre a vida rural em Minas. É através desse livro que Guimarães Rosa começa a mostrar o regionalismo através da linguagem, característica maior do autor.

Com os contos de “Sagarana” Guimarães Rosa deu vida ao homem sertanejo como nenhum outro escritor o fizera até hoje. Em sua obra, são expostas as dificuldades de viver em uma terra quase sem vida. Isso é relatado pelo escritor através de uma linguagem extremamente sofisticada, do ponto de vista morfológico e, por isso, exclusiva desse autor tão conceituado no mundo literário.

Seu trabalho de maior destaque é o romance Grande sertão: veredas. Essa obra é uma narrativa publicada em seiscentas páginas, na qual utiliza uma linguagem caboclo-sertaneja, causando grande impacto nos leitores e críticos da época em que publicara. Grande sertão: veredas foi traduzida e exposta em vários países, tornando o escritor Guimarães Rosa conhecido nacional e internacionalmente por sua inovadora maneira de escrever e por retratar, de modo tão real e particular em sua obra, o sertanejo e seu hábitat natural.

Em “A hora e vez de Augusto Matraga”, que encerra a coletânea de contos na obra “Sagarana”, já percebemos a maneira diferenciada de utilização da linguagem. Essa é sua primeira obra em que expõe uma linguagem que retrata o sertão brasileiro, principalmente o de Minas Gerais, onde o escritor nasceu e se inspirou para produzir suas obras. Aqui podemos perceber um momento em que se utiliza a linguagem do homem do sertão:

> – Virgem Maria Puríssima! Ui, pessoal!
> E só então o Tião leiloeiro achou coragem para se impor:
> – Respeito, gente, que o leilão é de santo!...
> – bau-bau!
> – Me desprezo! Me desprezo desse herege! .... Vão coçar suas costas em parede! ... Coisa de Igreja tem castigo, não é brinquedo ... Deix’ passar! ... Dá enxame, gente! Dá enxame! (ROSA, 1984, p. 342).

Roncari (2004), analisando alguns contos de “Sagarana”, chama de problemas enfrentados por Guimarães Rosa, alguns aspectos utilizados na construção de sua obra e os resume em três tipos:

> 1. Guimarães estava experimentando nesse livro várias formas arcaicas da narrativa como as dos *Contos da cantuária*, da picaresca, do fabulário, da vida dos santos, dos causos. Ao mesmo tempo percebia-se que ele acompanhava todos os avanços da literatura moderna, num contexto literário-cultural como o brasileiro, que reagia ainda aos tumultos causados pelos movimentos modernistas. [...]

> 2. Observei também que o autor enfrentava um problema grave de ordem narrativa, para a qual experimentava alternativas de que lugar e de que distância narra as suas histórias: do alto ou de baixo, de perto ou de longe, a partir da visão de que tipo de herói, próximo ou distante de sua experiência. [...]
> 3. Vi também que Guimarães compunha suas histórias e organizava a sua visão de mundo tendo por base três tipos de fontes principais: uma empírica, dada pela vivência direta da região e do país; outra mítica e universal, adquirida na leitura da literatura clássica e moderna; e outra nacional apoiada não só na nossa tradição literária, mas também nos velhos e novos estudos e interpretações do Brasil, efervescentes em seu tempo. [...] (RONCARI, 2004, p. 15).

Na fase modernista da literatura brasileira, o regionalismo torna-se universal com o escritor Guimarães Rosa. Isso acontece porque ele expõe com muita excelência e profundidade, em se tratando de detalhes, minúcias e aproximação com a verdadeira realidade retratada, a vida no sertão. Além disso, a linguagem é demonstrada com muita exatidão no que diz respeito aos ambientes apresentados. Estas são características extremamente marcantes, principalmente, em sua mais notável obra, “Grande sertão: veredas”, pois estas valorizam a vida rural mineira, se voltando verdadeiramente à comunidade sertaneja, suas paisagens e seus mitos.

Ainda sobre o autor e a literatura brasileira, Bosi (2006) afirma que,

> O regionalismo, que deu algumas das formas menos tensas de escritura (a crônica, o conto folclórico, a reportagem), estava destinado a sofrer, nas mãos de um artista-demiurgo, a metamorfose que o traria de novo ao centro da ficção brasileira. A alquimia, operada por João Guimarães Rosa, tem sido o grande tema da nossa crítica desde o aparecimento dessa obra espantosa que é Grande sertão: veredas (BOSI, 2006, p. 428-429).

No ano de 1936, Guimarães Rosa participou de um concurso de poesia da Academia brasileira de Letras quando expôs sua coletânea de poesias da obra “Magma”. Apesar de conquistar, com essa obra, o primeiro lugar, jamais a publicou.

Esse escritor mineiro deixou um legado de importantes obras para a literatura, como por exemplo, cronologicamente: “Sagarana” (1946); “Corpo de baile” (1956); “Grande sertão: veredas” (1956); “Primeiras Estórias” (1962); “Tutaméia” (1967); “Estas Estórias” (1969); “Ave, Palavra” (1970); e “Magma” (1997). Dentre as obras supracitadas, a última foi publicada somente alguns anos após a morte do escritor. Seu último livro publicado em vida foi “Tutaméia”, uma obra de contos curtos recheados de humor.

Alguns de seus livros também foram adaptados para o teatro, cinema, literatura infantil e balé. Foram estes: “Conversa de Bois”, apresentada em 1967, no Teatro Chique-Chique com

o título de “Boi de carro”, também o conto “A volta do Marido Pródigo” – do mesmo modo apresentado ao público através de um espetáculo. “E sua obra mais conhecida “Grande sertão: veredas”, adaptada para o cinema em 1965” (SILVA, 2017) e, em formato de série, para a televisão, em 1985.

Algumas características de suas obras, como a inovação e a criatividade, já mencionadas, marcam a escrita do autor. Ele utilizou desses recursos para criar uma linguagem diferenciada, como, por exemplo, os neologismos, muito presente em Grande sertão: veredas e, também, em outras obras como no conto “A terceira margem do rio”, conto que faz parte da coletânea “Primeiras estórias”. Nessas obras o autor faz uso desses neologismos para abordar temas como a vida e a morte, o bem e o mal, o diabo, a violência etc.

> Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras [...] (ROSA, 2001, p. 85).

Dessa forma, o autor se tornou reconhecido internacionalmente no meio literário. Várias de suas obras foram publicadas em diversos países, como: França, Itália, Estados Unidos, Canadá, Espanha, Alemanha, Polônia e Portugal. Assim, João de Guimarães Rosa contribui, de forma significativa, para a história da literatura nacional e internacional.

2.2 Considerações sobre a relação entre Paulo Jacob e a literatura brasileira

O escritor nasceu em Manaus, onde estudou e se formou em Direito. Começou sua carreira de magistrado, como juiz de Direito, na comarca de Canutama, no rio Purus, no ano de 1952. Nessa função, durante dez anos, percorreu o Amazonas e vários de seus afluentes, conhecendo sua gente, sua terra. [...] É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, da Academia Amazonense de Letras e da Academia de Letras Jurídica do Amazonas (JACOB, 1974).

Paulo Herban Maciel Jacob, inicia sua jornada de escritor observando o drama social vivenciado pelo homem no meio da floresta amazônica. Retrata, graças as suas viagens pelo interior do Amazonas, as histórias vivenciadas por esses homens que viveram, e muitos ainda

vivem, às margens dos rios da região, espaços onde o próprio escritor viveu e rios pelos quais navegou, por consequência de seus trabalhos nas comarcas dessas localidades.

Em sua carreira como escritor, ganhou prêmios que o consagraram por sua criatividade e genialidade. Sua premiação em segundo lugar no "Prêmio Nacional Walmap", foi por sua obra "Dos Ditos Passados nos Acercados do Cassianã" relatar de maneira surpreendente a animalidade do homem em decorrência do meio. A comissão julgadora foi composta por Antônio Olinto, Guilherme Figueiredo e Otávio de Faria. Essa comissão não premiou apenas as evidentes qualidades do escritor, como afirma Macedo Miranda em "Andirá":

> [...] Não terá premiado apenas as evidentes qualidades do escritor. Terá também notado de que maneira ele surpreende os homens em plena revelação de sua animalidade. Quando as crianças morrem como insetos. Quando se pratica o sexo como os bichos os praticam, tendo a mais somente a maldade do homem. Quando aparece, ao natural, o exercício da profissão de matar. Quando surge como legítimo comércio da importação de capangas. Quando a religião se coloca à feição de último anteparo, que a nem todos contém (JACOB, 2003).

Esse lado animalesco do ser humano pode ser observado, também, em relatos narrados pelos próprios personagens em outra grande obra do escritor: "Chãos de Maíconã":

> [...] Ainda das piores maltratanças, recebeu Caxiuê. Largaram de dependurado no galho, cabeça voltada para baixo. Daí sem trato algum, o sangreiro escorrendo. Correu dias, nesses maiores sofridos, levando dos açoites de pau. Da querença de napê, Caxiuê, indicar do moradeiro nosso, doutros mais índios. Acusativos de irmãos, dos seus libertos a escravizos de brabo. Gritavam com o desinfeliz, naqueles despautérios de ofensas.
> – Fala filho da puta! Onde estão dos outros!
> Caxiuê amuadão, caladio demais. Batiam na estrovenga dele, nem de gemia. Padecidos de homem, alvoriçados valentes de guerreiro ianõnãme. Nada falava dos libertos sorridos de índio, dos espalhos soltos nas matas. [...] Caxiuê, que nem mato, caladio, amigo. Foi morrendo vagarmente, boca trancada, quietosa. Dizer dos nossos, não dizia. Por de finais, corrigiu do cerrado, soltou dos olhos vistos no céu. Dois lacrimejos escorridos, saudosos da terra, as derradeiras palavras dele. O penapebore, logo maginou fraquejos do tuxaua. E bem não era. Como? Nada doutras coisas mais? Quer dizer, pexeire, aconteceu ainda das malinações. Rasgaram a barriga de Caxiuê, botaram de dentro um pedaço de pau. A peimacace do homem aberta, sangreiro aí. Largaram-se nos risames.
> – Gente bicho, tem filho é pedaço de pau. Até pedaço de pau é diálogo (JACOB, 1974, p. 13 – 14).

Como podemos observar, o escritor manteve em suas obras a recriação por meio das palavras, marca registrada de um dos maiores romancistas da nossa literatura regional e nacional. Outra de suas qualidades artísticas é a forma de explorar o real e o fictício, retratados em contos como "O pássaro Japiim":

> [...] – Agora eu vou matar você, Paratari. Você matou m inha mãe quando eu era menino.
> O Paratari começou a rir. O bocão enorme aberto. Naqueles ha, ha, ha de avacalhações ao Japiim. A barriga grande chega balançava de rir.
> – Com esse tamainho querendo me matar. Ora, vá crescer mais um pouco, seu nanico!
> O Japiim zangou-se. Vergou o arco de pupunheira com muita força. Flechou direto no coração do Paratari. Foi assim, os velhos contavam. O Japiim casou-se, teve muitos filhos. Daí nasceram os Ianõnãmes. Índios sabidos, inteligentes, porque nascidos do Japiim. Pássaro ladino, sabido. Faz ninhos grandes, bonitos, bem tecidos. Imita todos os outros pássaros. Assim contava meu pai, meu avô, os velhos da tribo também (TELLES; KRÜGER, 2010, p. 54).

O escritor foi aclamado pela crítica por sua maestria em relatar a vida do caboclo, sem deixar de valorizar a linguagem, a cultura e principalmente não deixando de retratar em seus personagens características da região Norte do Brasil. Além disso, sua obra é vista com aspectos positivos, também, com relação às angústias vivenciadas por seus personagens e às denúncias, que através de seus romances, são claramente observáveis. Na orelha de uma das obras desse escritor, "Um pedaço de lua caía na mata", sobre essas características das obras de Paulo Jacob, o crítico literário Carlos Menezes, de O Globo, comenta:

> Num trabalho bem-sucedido de recriação da linguagem, com ingredientes do falar nordestino e do caboclo, Paulo Jacob redige suas narrativas com um idioma de grande beleza e sonoridade, emprestando com isso mais forte colorações e mistérios às paisagens que pinta e às emoções, angústias, desencantos, denúncias e pureza de seus personagens (MENEZES *in* JACOB, 1923).

Reconhecido, principalmente, devido a seus romances de ficção, Jacob foi premiado com "Chãos de Maíconã", menção honrosa do Concurso Literário Nacional Walmap. No ano de 1997, sua obra "Chuva Branca" lhe rendeu o 4º lugar no mesmo concurso, assim como no ano de 1969, com "Dos ditos passados nos acercados do Cassianã", garantindo o 2º lugar, e, ainda, finalista, nesse mesmo Concurso, com a obra "Vila Rica das Queimadas" (1976).

Eis mais algumas obras de Paulo Jacob: "Estirão de Mundo" (1979); "A noite cobria o rio caminhando" (1983); "Um pedaço de lua caía na mata" (1990); "O Coração da mata, dos

rios, dos igarapés e dos igapós morrendo" (1991); "Muralha verde" (1964); "Andirá" (1965); "O Gaiola tirante rumo do rio da borracha" (1987); "Amazonas, remansos, rebojos e banzeiros" (1995), "Dicionário da Língua Popular da Amazônia" (1985).

Além de valorizar a linguagem que retrata a maneira do caboclo amazonense falar, ele também expõe as tradições e os costumes nesse estilo que valoriza a Região Norte brasileira. Assim, suas obras são marcadas pela forma como apresentam a relação entre o homem e a Amazônia, os conflitos internos que a riqueza dessa floresta desperta no indivíduo e as dificuldades impostas por esse ambiente.

> [...] O rio ruim de peixe. Aconteceu flechar uma macucáua. A flecha pegou de raspão. Sacou pena, a bicha escapou. Inambu fornida de carne. Muita azalação errar. Dia marupiara, zerava não. Era a flecha bater, arriar em cima das pernas. Às vezes acontece mau dia. A mata ainda molhada, pingando. Atrapalhando escutar pisado de bicho. A mata seca, as folhas estalam. Escutar o ruído de gravetos quebrados. Mata molhada não atenta coisa alguma. O bicho pisa macio, silencioso. Vezes corre de ribinha da gente. E quase acontece um fatal. A onça acocada entrás do pau caído. ´por milagre escapar. Atenteou-se quase em cima da bicha. A lança raspou de revestrés, arribou. Muito azalação, boa amiga. Ainda de outra panemice se dava. A flecha variar do tucunaré. O peixe tão quieto, agasalhado debaixo da galhada. Sacou escama, correu destabotado. Igarapé limpo, claro, zerar o peixe bem pertinho. Deveras panemice demais. Dia qualquer leva flecha no lombo. Tucunaré, acará, muito apreciam morar em galhada de pau, balseiro. A salvação topar de caminho pajurá, uixi , mari. Frutas do bom comer de mata. Toda essa escassez, culpa dos brancos. Os danados devastam tudo [...] (JACOB, 1995, p. 31).

2.3 O meio e o indivíduo: influências recíprocas

Nas respectivas obras, Andirá e Grande sertão: veredas, o ambiente é apresentado como grande influenciador na formação da personalidade do homem. Como nossa natureza é maleável e mutante, a maldade, ou bondade, em cada um, será desenvolvida a partir das condições em que vivemos. Um embasamento para esta afirmação, é que nascemos com pretensões humanas pré-definidas.

Para muitos estudiosos, o homem, em total ou certa medida, sofre influência direta do ambiente em que vive. Davidoff, por exemplo, propõe:

> Há séculos, os cientistas vêm debatendo se a mais poderosa influência sobre o desenvolvimento de caraterísticas específicas é a hereditariedade ou o ambiente. A questão é discutida com tanta frequência, que ganhou um nome, *controvérsia natureza–criação*. Um exemplo simples deve deixar claro que a hereditariedade e o ambiente são igualmente importantes para o

> comportamento. O ambiente determina se a pessoa fala espanhol, russo, swahili, chinês, inglês ou outra língua. [...]. Grifo do autor (DAVIDOFF, 2001. p. 51).

Através das obras analisadas, podemos destacar que os indivíduos desenvolvem suas próprias leis diante da realidade em que vivem, e se modificam a partir das suas necessidades. Na maioria das vezes, suas atitudes desrespeitam a condição mínima do ser humano, revelando um caráter assombroso e inimaginável que chega até a infringir as normas pré-estabelecidas para o convívio social. "Os cenários em que as pessoas convivem exercem influência no desenvolvimento ao criar oportunidades para a ocorrência de diferentes comportamentos" (KOBARG *et al*, 2008).

Para maior elucidação acerca de "ambiente", entendemos ser necessário conceituar o termo, já que trabalhamos com a inter-relação ambiente e indivíduo. Coimbra (2002) salienta que o ambiente é um conjunto amplo de elementos, que cerca os seres humanos e seres sem vida. Em vista disso, o meio é um processo de realidades multifacetadas, em que os indivíduos e comunidades estão conexos.

Lima e Silva (1999) define Meio Ambiente como "um conjunto de fatores naturais, sociais e culturais que envolvem um indivíduo e com os quais ele interage, influenciando e sendo influenciado por eles" (LIMA e SILVA, 1999 *apud* TEODORO *et al*, 2010).

Os fatores ambientais são considerados, por alguns estudiosos, como contribuinte para o desenvolvimento humano na sua interação cultural, social e nas suas crenças. Outros fatores como a escolaridade, a família e, até, os hábitos alimentares, são importantes para definir até que ponto o ambiente influenciou e qual o comportamento desse indivíduo perante a sociedade. É possível, portanto, verificar a influência do meio sobre a identidade do indivíduo, dependendo das características locais em que convive. "As pesquisas sobre a influência do ambiente no desenvolvimento cognitivo têm focalizado fatores tais como a escolaridade, família e fatores nutricionais" (CAMPOS, 2008, p.77).

A influência ambiental ou hereditária pode afetar o ser humano, desde a sua primeira fase de vida. Desta maneira, a personalidade do homem se desenvolve, na maioria das vezes, de acordo com o ambiente e com a criação que o indivíduo receberá nas suas fases iniciais de vida. Segundo Papalia e Olds (2000):

> Os pais de bebês tímidos tendiam a ter vidas sociais menos ativas, não expondo a si mesmos nem seus bebês a novas situações sociais. Assim, embora uma *tendência* para a timidez possa ser herdada, o ambiente pode acentuar ou modificar tal tendência. Algumas crianças tímidas,

> principalmente aquelas que não o são de maneira extrema, podem tornar-se mais desinibidas e espontâneas, aparentemente em resposta aos esforços dos pais em ajudá-la a sentirem-se mais à vontade com novas pessoas e situações. De modo semelhante, se uma criança ousada irá tornar-se um "valentão" vai depender muito da educação. E o que os pais fazem tendem a refletir o que sua sociedade valoriza (PAPALIA; OLDS, 2000, p. 72).

Dessa forma, constatamos que assim, como o ambiente influencia diretamente nas características do ser humano, este também interfere no meio ambiente. E, é através da sua visão científica e dos benefícios que este ambiente pode lhe oferecer, que o indivíduo modifica e interfere no meio em que habita. Portanto, essa inter-relação entre habitante e hábitat é o que determina em maior ou menor grau as características de ambos.

> Segundo Skinner, uma visão cientifica do homem oferece possibilidades inesperadas. O homem não é uma vítima ou um observador passivo do que lhe acontece, pois ele é controlado por um ambiente que é, em parte, construído por ele mesmo. Deve-se, pois, concluir que a evolução de uma cultura é exercício de autocontrole (GOULART, 2001, p. 53).

Ainda que, o meio seja um fator prescindível para a formação do indivíduo, é preciso considerar que é necessário um estudo mais detalhado para comprovar qual o tipo de ambiente que seria ideal para o desenvolvimento intelectual do homem. Afinal, sabemos que cada indivíduo é dotado de características próprias e, dessa forma, é possível que nem todo tipo de ambiente seja favorável a todo indivíduo. Sobre ambiente ideal, segundo Campos (2008):

> Inicialmente vale referir que, embora o modelo interacionista de Piaget descreva o desenvolvimento cognitivo como produto das interações do ser humano com o ambiente, o mesmo não tentou descrever o ambiente ideal para o progresso intelectual e nem escreveu sobre as deficiências ambientais. (CAMPOS, 2008.p. 76)

Por conseguinte, o indivíduo necessita que o seu meio esteja devidamente apropriado para ser habitado. Pois, se o ambiente não proporcionar condições básicas para a sobrevivência pode ser que desenvolva no homem algumas características que este não desenvolveria em um ambiente menos hostil. "O desenvolvimento seguirá o seu curso normal se as condições ambientais mínimas forem asseguradas" (CÓRIA-SABINI, 2007, p.121). Ainda nessa linha de raciocínio, segundo Barros (2007):

> As forças ambientais atuam durante toda a nossa existência e, segundo alguns estudos, nos influenciam mesmo antes do nascimento. Não há dúvida de que cada ser vivo depende tanto da hereditariedade como do meio ambiente. [...]. Os ambientalistas afirmavam que as diferenças entre as pessoas resultam de diferentes oportunidades ambientais. (BARROS, 2007, p. 27-28).

Portanto, a partir dessas ponderações, podemos afirmar que existe, realmente, essa interação entre homem e natureza. Afinal, quanto à reciprocidade entre meio e indivíduo, há evidências científicas de que tanto o meio influencia o desenvolvimento do indivíduo quanto este influencia aquele. Assim nos esclarece Coimbra (2002):

> [...] Com efeito, nossas atitudes, nossos sentimentos, nosso simples modo de ser transmite algo de nós próprios ao ambiente, influenciando-o ora positivamente ora negativamente. E a recíproca também pode ser verdadeira... o ambiente influencia Você, condiciona-o (COIMBRA, 2002, p. 10).

2.4 Grande sertão: veredas e Andirá – as duras realidades de um meio hostil

Já disse Euclides da Cunha: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte" (CUNHA, 2002, p. 8). Nas obras aqui analisadas – Andirá e Grande sertão: veredas – isso se evidencia da forma mais extrema possível. Tanto que se torna difícil, muitas vezes, distinguir ora o que é ficção ora o que é realidade. Afinal, tanto Guimarães Rosa quanto Paulo Jacob retratam, nessas suas respectivas obras, essa interação homem-natureza/natureza-homem de modo a nos mostrar com riquezas de detalhes que em determinadas situações um se torna parte do outro.

Em um primeiro momento, identificamos as circunstâncias do ambiente descrito na obra Andirá. Neste ambiente, evidencia-se a existência de um meio traiçoeiro, hostil e uma Amazônia que não desperta só encantamento, mas perturba e surpreende. Frente à exuberância que a natureza propõe, o indivíduo se deslumbra e, ao mesmo tempo, se sente ameaçado por um ambiente que pressupõe hostil ou, no mínimo, assustador.

> – Ah! se soubesse quanto prazer em acompanhá-la.
> São outras coisas... Besteira minha... Impressão tola dessa castanheira. Árvore tão frondosa. Bonita mesmo! Mas me arrepio todas às vezes que passo por ela.
> – Que tem a castanheira que tanto lhe assusta?
> Pelo que vejo até as árvores lhe tiram o sossego.
> – Nada. Idiotice minha (JACOB, 2003, p. 92).

Quanto a esse aspecto, na obra Grande sertão: veredas, também é apresentado um ambiente agressivo, árido, rústico e, à semelhança de "Andirá", deslumbrante e traiçoeiro. Diante de uma situação que não proporciona opções, o indivíduo é influenciado, inclusive, a desenvolver meios para sua sobrevivência, pois a falta de melhores condições desse cenário afetará o seu estilo de viver. Entretanto, a violência, a maldade, o desrespeito com a vida humana será a forma que o indivíduo buscará para se adaptar a esse meio. Essa maneira de viver, se torna parte do sertão, onde até a morte por assassinato é algo comum. Essas e outras mazelas fazem parte do dia a dia dos indivíduos que convivem neste lugar a pagar por seus atos mesmo longe das leis constitucionais.

> Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. [...] O sertão está em toda parte (ROSA, 1976, p.9).

Dependendo do meio em que o indivíduo habite, poderá desenvolver aspectos como a maldade, a selvageria etc. Partindo desse ponto de vista, analisemos como isso é caracterizado na vida do personagem Alírio Feitosa, do romance "Andirá". A criminalidade sempre fez parte da família desse personagem. O ambiente em que ele cresceu foi o mesmo onde seus pais construíram riqueza às custas de atrocidades e injustiças contra os mais desprotegidos.

Para construírem o grande seringal Andirá, os pais do coronel Alírio Feitosa costumavam cometer crimes bárbaros contra todos que ousassem desafiar ou, simplesmente, contrariar sua "autoridade" de coronéis. Pois nesses atos de inumanidade viam a única condição de manter a riqueza e o prestígio para, assim, serem respeitados, principalmente pelos habitantes do seringal. Isso se evidencia em uma conversa com, Mariazinha, a filha do dono do Seringal, em que Fabrício, responsável pela contabilidade do Andirá, revela:

> – Tudo que vocês têm vem da miséria alheia. Desde seus avós, isto aqui tem uma longo história de crimes. O Andirá foi tomado à bala por seu finado avô. Os verdadeiros donos, a mulher, o marido e dois filhos, foram sepultados debaixo do castanheira do varadouro. Sua avó, o pobre Lena, que você ainda viu meses atrás, era uma mulher perversa. Cometeu as maiores barbaridades neste seringal. Um dia, desconfiando que seu marido tinha emprenhado uma cabocla, mandou matá-la, arrancando-lhe do ventre um menino.

> Mariazinha escutava horrorizada e hesitante.
> – Será possível! Meu Deus...
> – Deixe-me acabar que não estou mentindo. Dona Lena, por motivos que ninguém soube explicar, mandou amarrar um seringueiro e jogá-lo vivo no lago. Teve coragem de assistir ao crime executado por Ambrósio Nonato. [...]. – O pé da castanheira é o cemitério do Andirá, esconderijo de crimes. Seu pai é ambicioso e mau. Mata e manda matar por qualquer besteira. Principalmente para tomar saldo de seringueiro (JACOB, 2003, p. 220-221).

Ademais, o próprio personagem Alírio Feitosa, devido ao fato de ter crescido em um meio onde a maldade fazia parte do dia a dia da família, ele acaba se tornando um ser mau e ambicioso, assim como eram seus pais. É importante frisar, que os filhos do coronel, por não terem crescido no mesmo ambiente que o pai, desenvolveram personalidades diferentes. Porém, a maldade será despertada no filho mais velho, Quincas, que ao se dar conta da realidade desse ambiente, sente a necessidade de mostrar a seu pai que o jovem Quincas Feitosa também pode ser um "homem valente" e "respeitado", características que, quando não são consideradas ou respeitadas pelo pai, deixa o jovem Feitosa bastante irritado:

> – Meu pai, o senhor vai aceitar este desaforo desse pobretão de merda?
> – Não se meta, Quincas. Sei o que devo fazer. Você é menino para certos assuntos.
> Censura perto de estranhos. O rapaz não gostara. Velho idiota! Só ele que é valente. Sou homem também. Nos acontecimentos de São Felipe preferiu confiar em Francisco Ceará e João Mulato. Gente que não era da família, que poderia muito bem abrir o bico, contar a verdade. Dirias boas ao velho. Também tinha sangue dos "Feitosas" (JACOB, 2003, p. 116).

Já em Grande sertão: veredas, uma frase descreve o sentimento do sertanejo em relação ao meio onde vive "Viver é muito perigoso" (ROSAS, 1976, p.16). Ao analisarmos o ambiente em que o jagunço "Riobaldo" habita, nos deparamos, como ele mesmo descreve, com o sertão como um "universo" de maldade e ele diz, ainda, que para viver nesse meio é necessário se adaptar ao modo de vida dessa região. Assim, segundo o personagem, até mesmo Deus, se vivesse nesse meio, seria influenciada a agir conforme é de costume ser no mundo sertanejo. Isso pode ser percebido em determinado momento da narrativa, segundo Riobaldo:

> Vinha com um capanga dele, um secreta, e eu bem sabia os dois, de que tanto um era ruim, como o outro ruim era. A verdade que diga, primeiro tive o estrito de me desbancar para um longe dali, mudar de meu lugar. Juízo que me disse, melhor ficasse. Pois, ficando olhei. E – lhe falo: nunca vi cara de homem fornecida de bruteza e maldade mais, do que nesse. [...] Mas, as

> barbaridades que esse delegado fez e aconteceu, o senhor nem tem calo em coração para poder me escutar. Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso aqui. Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal... (ROSA, 1976, p. 17-18).

Nesta obra, podemos perceber que os indivíduos quando vivem em um ambiente hostil, desenvolvem em suas personalidades aspectos que provavelmente não desenvolveriam diante de uma realidade que lhes oferecesse uma condição melhor para sua sobrevivência. Alguns aspectos como a irracionalidade e a ferocidade, em determinadas situações, quando a fome distorce o instinto humano anulando a capacidade de distinguir entre o racional e o irracional, por exemplo, pode caracterizar o ser humano diante de situações extremas. Em determinado momento da narrativa, fica evidente esse lado selvagem do ser humano:

> Com outros nossos padecimentos, os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. Diadorim não chegou a provar. Por quanto – juro ao senhor – enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves! Mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criaturo de Deus, que nú por falta de roupa... Isto é, tanto não, pois ela mesma ainda estava vestida com uns trapos; mas o filho também escapulia assim pelos matos, por da cabeça prejudicado. Foi assombro (ROSA, 1976, p. 44).

Nesta passagem, percebemos como alguns jagunços do bando de Riobaldo reagiram movidos pela fome e, depois, a indiferença de alguns ao que havia ocorrido. Enquanto uns vomitavam nauseados por saberem com o que acabaram de se alimentar, outros xingavam a mãe da vítima que ali apareceu procurando por seu filho e se deparou com aquela cena macabra. Diante disso, podemos verificar que as influências do meio, muitas vezes, podem modificar a personalidade do indivíduo e, assim, motivá-lo a diversas atitudes, inclusive irracionais. Pois, imaginemos que numa situação em um ambiente com mais qualidade de vida, que oferecesse outros recursos, esse acontecimento seria visto como algo extremamente desumano e de repúdio social.

Na fala de um dos personagens fica evidente essa irracionalidade diante de uma situação extrema: "– Agora, que está bem falecido, se come o que alma não é, modo de não morrermos todos [...]" (ROSA, 1976, p. 44).

Como já mencionado, o ambiente, muitas vezes, interfere no comportamento humano e, por consequência disso, em determinadas situações, o indivíduo age conforme suas necessidades. Em relação a isso, uma determinada cena no enredo de "Andirá" nos mostra, por exemplo, que certa vez, um seringueiro necessitou vender uns poucos quilos de borracha para comprar remédios para sua filha, que estava prestes a morrer. Essa desesperada e, de certa forma, ingênua ação lhe custou a vida. Desse modo, ao analisarmos as circunstâncias, constatamos que aquele ambiente de extrema pobreza fomentou no indivíduo uma mudança de caráter, de personalidade e o impulsionou a agir pela emoção, o que acabou por ser o motivo de sua tortura e morte por aqueles que acreditavam ser isso uma forma de justiça.

> Debaixo das árvores do varadouro, crescia a voz colérica do coronel.
> – Amarrem o homem! Quero ensiná-lo a não furtar patrão...
> O seringueiro tentou explicar-se.
> – Pelo amor de Deus, patrão, conto a verdade.
> – Não adianta, o que fizeste está feito. Poltrão!
> – Minha filha estava à morte, com ramo de ar. Implorei
> ao seu Ambrósio... Me disse que não tinha crédito nem pra
> uma caixa de fósforos, devia muito. Apareceu o regatão do Nagib, troquei a borracha pelo remédio.[...]
> [...] – Sei que tava errado, só pensei na doença da filha.
> Mas eu pago, seu coronel. Pelas chagas de Cristo... eu pago a borracha.[...]
> [...]– Amarrem logo, que estão esperando?
> Francisco Ceará e João Mulato ataram o homem no tronco. Serviço lento.[...]
> [...] O coronel Alírio Feitosa aproximara-se. Primeiras pancadas com a lâmina do terçado.
> – Vá aprendendo a não furtar, seu sacana!
> O seringueiro pôs-se a chorar. O rosto sangrava. Deixara o terçado. Prosseguia agora com um umbigo-de-boi. Elevava o braço, batera até cansar.
> – Agora é a sua vez João Mulato. Vamo! Que moleza é essa? Bata com força. Esta bandido vai aprender. [...] João mulato arregalou os olhos, parando o chicote.
> – Teve uma piloura, patrão (JACOB, 2003, p. 165-166).

Nas obras analisadas, percebemos que o caráter dos personagens é de fato um reflexo das condições ambientais e culturais típicas do meio em que eles habitam. Assim, evidenciamos que apesar do indivíduo desenvolver características biológicas naturalmente e construir sua história de vida racionalmente, este, ainda assim, é passível de influências.

Os indivíduos que habitavam tanto a região Amazônica quanto o sertão foram influenciados pelo contato que tiveram com o meio e com as pessoas com as quais se relacionavam. Desse modo, ressaltamos que em determinados aspectos, nos tornamos semelhantes a tudo e a todos que estão à nossa volta. Em "Andirá", o ambiente amazônico desperta no homem a ambição pelas riquezas daquele meio, transformando-o em uma pessoa

que não se importa com as injustiças para com as outras. Devido a isso, as mortes e demais atrocidades cometidas naquele ambiente acabam por fazer parte daquela realidade. Em uma conversa do personagem “coronel Alírio Feitosa” com seu empregado “Ambrósio” e mais tarde com “Fabrício” essa ganância que gera injustiça fica evidente:

> – Ambrósio, hoje sem falta, quero ver o Zildo Magarefe na direção do Guariba. Mande chamá-lo a toda pressa. E outra coisa, corte os aviamentos seja para seringueiro bom ou ruim.
> – Para os de saldo também?
> – Para esses forneça aos pouquinhos. A borracha desta vez vai às garras, não tem outro jeito [...].
> – De agora em diante faça o favor de apertar mais no peso da borracha. Aumente a quebra. Carregue nas contas. Preços altos nas mercadorias e um aumentozinho em cada aviamento.
> – E se os homens reclamarem?
> – Aqui não tem reclamação. Se está escrito é o que devem. Sabe disso. – Tá certo, patrão. Regularei a tara na balança [...].
> – Eu só penso um dia sair dessa joça de seringal. Não tem mulher, não tem nada. Pra prisão falta pouco. Saldo não se vê e é até perigoso. Pedir a conta é arriscar a vida (JACOB, 2003, p. 168-170).

O sertão, por sua vez, com suas características próprias, influencia o indivíduo a desenvolver uma personalidade tão “árida” quanto a terra em que vive. Nele, tudo se torna possível, inclusive o sossego e a desordem andarem lado a lado. É o que, o personagem “Seo Ornela”, em um determinado momento do enredo, diz a Riobaldo sobre a vida nesse lugar. “O sertão é confusão em grande demasiado sossego” (ROSA, 1976, p. 343). Baseando-nos nisso, podemos afirmar que, o comportamento do homem é resultado da combinação entre a convivência em determinado meio e a capacidade inata do indivíduo de adequar-se a meios diversos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do explorado através desse estudo, chegamos à conclusão de que, realmente, muito do que o indivíduo pensa, diz e realiza está diretamente ligado ao hábitat onde se desenvolveu. A partir das discussões e de um estudo comparado entre duas obras que abordam tão profundamente uma temática, fica evidente qualquer aspecto que se pretenda demonstrar. No caso do presente trabalho, podemos afirmar que não se trata de uma simples abordagem literária, mas de um estudo baseado em evidências científicas que de uma forma extremamente realista nos apresenta uma fantástica simbiose entre dois seres biologicamente

interligados: o meio e o indivíduo. Afinal, um se torna parte do outro à medida que as influências de um determinam o desenvolvimento ou decadência do outro.

Em *Grande sertão: veredas*, por exemplo, acompanhamos a trajetória de Riobaldo que, desde criança tem que lutar por sua sobrevivência. Quando criança adoece seriamente e sua mãe faz uma promessa para que sobreviva. Vencendo a luta contra a morte, o menino de aproximadamente catorze anos de idade, se vê na necessidade de pedir esmolas para adquirir dinheiro para saldar a dívida que sua mãe contraíra ao firmar tal promessa. Esta consistia em Riobaldo, uma vez não morrendo, ter que esmolar até conseguir dinheiro para pagar a realização de uma missa, com parte da esmola adquirida, e, a outra parte, atirar nas águas do rio São Francisco. Assim, desde muito cedo, nosso protagonista teve que se superar diante das atribulações da vida.

Ainda nessa época, Riobaldo perde sua mãe e sua vida entra em uma segunda fase que, apesar de parecer que seria mais difícil, acabou se tornando mais branda em relação à miséria em que vivia. Isso aconteceu porque o menino Riobaldo fora morar com o padrinho que além de muitas posses era dotado, também, de grande bondade. Por conta disso, recebe nosso protagonista com muita alegria. A vida, enfim, melhora. Porém, como dificuldade é a principal característica da vida do nosso herói, mais tarde, já adulto, se torna jagunço e reencontra aquele que transformaria sua vida em um turbilhão de dúvidas gerado por conflitos de pensamentos, incertezas e de valores – Reinaldo, que, apenas muito tempo depois, confessa a Riobaldo se chamar Diadorim:

> [...] Ah, mas ah! – enquanto que me ouviam, mais um homem, tropeiro também, vinha entrando, na soleira da porta. Aguentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremecer, em susto desfechado. Mas era um susto de coração alto, parecia a maior alegria.
> Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor quem, mas quem, mesmo? Era o menino! O menino, senhor sim, aquele do porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida. E ele se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afilhadinho. [...] (ROSA, 1976, p. 188).

A trajetória dos protagonistas dessa narrativa é marcada por situações que demonstram todo o envolvimento do indivíduo com o seu hábitat. Em grande medida, esse entrelace de convivência demonstra que a dura vida no sertão embrutece proporcionalmente o sertanejo à medida que este se envolve diretamente com o tipo de vida que esse ambiente lhe proporciona.

Em *Andirá*, essa dependência mútua entre indivíduo e natureza e a influência que esta impõe aos que, independente do motivo, a elegem como suas moradas se explicita de várias formas. Dentre essas demonstrações de reciprocidade e influência do meio, é através de formas de pensamentos, atitudes, valores defendidos pelos personagens dessa narrativa e ações do próprio ambiente que percebemos a simbiose homem/natureza. Em se tratando de valores, por exemplo, verificamos no trecho seguinte:

> [...] – E o pagamento do frete?
> – Tem tempo. Pague depois. O encarregado do talão faltou hoje. Paciência, coronel... Essa gente é assim mesmo.
> – Mande ele comigo para o seringal, que eu ensino como se trabalha.
> – Sei disso, coronel... Lá não há apadrinhamento com ninguém (JACOB, 2003, p. 39).

Em relação ao modo de vida proporcionado pelo hábitat em que o homem está inserido, fica evidente quando analisamos uma rápida conversa entre habitantes do seringal:

> [...] – Está me desconhecendo, amigo coronel?
> – É que estava distraído. Como vai você, Jeremias?
> – Aqui na vidinha de sempre. Vida de mato. Afugentando carapanã, matando mutuca, alimentando pium.
> – Distrai!... Se nem isso tivesse por estas bandas, tinha que se fazer outra coisa, pra tomar o tempo.
> – Pensando bem, tem razão.
> – Que é do seu irmão, que não vejo há muito tempo?
> – Então não soube? Tomou uma carraspana e morreu afogado.
> – Foi nada!
> – morreu mesmo. Já deve estar de ossos brancos [...] (JACOB, 2003, p. 50).

Em “Andirá” E “Grande sertão: veredas”, portanto, fica muito clara essa reciprocidade de desenvolvimento ou decadência entre habitante e hábitat. Podemos perceber, através da análise literária realizada e da pesquisa bibliográfica, como um todo, que não apenas o ambiente influencia o desenvolvimento do indivíduo, mas o indivíduo, em certa medida, também influência o meio em que vive. Logo, não é sem razão que cientistas e escritores se interessam por essa temática tão fascinante que é a influência do meio sobre o indivíduo e vice-versa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. 12 ed. São Paulo: Ática: 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia e desenvolvimento humano.** 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. **O outro lado do meio ambiente: uma incursão humanista na questão ambiental**. Campinas: Millennium, 2002.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2007.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. 22 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

JACOB, Paulo. **Andirá**. 2 ed. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura/ Editora Universidade Federal do Amazonas, Universidade do Estado do Amazonas, 2003.

_____ Um pedaço de lua caía na mata. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1990.

_____ Chãos de Maiconã: romance. Rio de janeiro: Editorial Nórdica, 1974.

_____ Amazonas, remansos, rebojos e banzeiros. Rio de Janeiro: Nórdica, 1995.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento Humano**. 7 ed. trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PEREIRA, Sandra de Oliveira; REIS, Lilian Perdigão Caixêta. **Contextos de interação e sua inter-relação com o comportamento ecológico**. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2017v14n1p117. Acesso em 22 de Junho de 2018

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 11 ed. Rio de Janeiro: J Olympio,1976.

_____ Sagarana. 28 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984.

_____ Primeiras estórias. 15 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SILVA, A. T. **Gênero como sertão, veredas em construção - filme, minissérie e livro.** Domínios da imagem, v. 11, n. 20. p. 154 - 176, jan./jun. 2017. Disponível em: grande sertão: veredas - uel pdfwww.uel.br>uel>article>download. Acesso em 21.05.2018.

TELLES, Tenório; KRÜGER, Marcos Frederico. **Antologia do Conto do Amazonas**, 3 ed. Manaus: Valer, 2010.

TEODORO *et al*, 2010. **Mídia e meio ambiente**. Disponível em: <https://www.catolicato.edu.br/portal/portal/downloads/docs_gestaoambiental/projetos2010-1/1-periodo/Midia_e_meio_ambiente.pdf. Acesso em: 24.05.2018.

VILARINHO, Sabrina. "Guimarães Rosa"; **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/guimaraes-rosa.htm>. Acesso em 14 de maio de 2018.